



Nuno Maria de Orey Roquete Cornélio da Silva
Comandante do Navio Treino de Mar Creoula

«A felicidade trazida pelo sentimento de missão cumprida»



El Comandante del Creoula, ejerciendo de tal en su lugar favorito del navío :: R. M.

:: JAIME ARÍSTEGUI /
RITA ROCHA

Lisboa está cada vez mais perto mas o desembarque não poderia ocorrer sem entrevistarmos a pessoa que liderou toda esta aventura. Nuno Cornélio da Silva, de 45 anos, Comandante do Creoula é essa pessoa. -- Alguns aspectos relevantes da sua infância?

– Nasci na Praia das Maças, onde sempre vivi numa quinta junto à praia. Desde pequeno tive uma relação muito forte com o mar. Aproveitava os tempos livre com a pesca, surf e, de modo geral, pratiquei todos os desportos aquáticos.

– **Tem antecedentes familiares militares?**

– Um trisavô e um bisavô apenas.

– **Como surgiu a sua vocação?**

– A combinação de duas coisas: viver junto do mar e das suas gentes e por influência do meu pai que sempre incentivou muito a cultura do mar. Também gostava de construir maquetes de barcos. Apesar de não haver militares em casa, sempre fui educado num ambiente de disciplina e rigor o que me fa-

“O valor das coisas é igual à verdade vezes a vontade. Isto aplica-se a tudo na vida”

“O melhor momento é quando chegamos a terra e tudo correu bem”

cilitou a adaptação à Escola Naval e à Marinha.

– **Com que idade entrou para a Marinha?**

– Aos 17 anos. Precisei de uma autorização do meu pai por ser menor!

– **Como se define como Comandante?**

– Não me considero uma pessoa fácil, sou exigente e isso percebem-no aqueles que me conhecem. Gosto que as coisas estejam bem feitas e para isso tenho de ser exigente, mas sem ser brutal, conciliando-o com a calma e a harmonia. Por isso creio que as pessoas são felizes no Creoula, eu sou. Acredito que cada um deve ser exigente consigo próprio. Se as pessoas forem responsáveis consigo e com os outros, os objectivos são atingidos.

– **Como Comandante do Creoula que alterações fez a bordo?**

– Estruturais pouco. A minha filosofia baseia-se em deixar as pessoas fazerem as coisas como querem e quando querem, sem esquecer as regras básicas. Não gosto de me meter no trabalho dos outros, gosto de lhes dar responsabilidade e autonomia, mas sempre sabendo que se algo correr mal podem contar com o Comandante.

– **O que requer um alto nível de confiança na tripulação...**

– Claro, quando alguém embarca, utilizo sempre a mesma expressão: “o valor das coisas é igual à verdade vezes a vontade”. Isto aplica-se a tudo na vida. O valor do Creoula baseia-se na sinceridade com que nos relacionamos e nos tratamos uns aos outros, na transparência no trato e na vontade que temos em resolver os problemas. É fundamental o bem fazer, ter objectivos.

– **Como encara a responsabilidade? Dorme bem à noite?**

– (risos) Algumas noites melhor que outras. E por dois motivos: porque o meu camarote não é muito confortável (risos) e porque há situações delicadas: manobras com mau tempo, quando se chega ou se sai de um porto, estes problemas causam-me stress e ansiedade. O número de pessoas não é complicado porque já comande outros na-

vios, a diferença é ter 52 instruen-dos a bordo que não são profissio-nais e que tenho de ter sempre pre-sentes.

– **Como vê a inclusão dos ins-truendos?**

– Creio que é um projecto fantásti-co e a UIM é uma das instituições que mais gosto porque no final vejo um produto muito completo e com muito valor quer para os instruendos quer para a guarnição.

– **Na relação da guarnição com os instruendos temos reparado que há uma clara intenção de criar bom ambiente e de ensinar. Que crê que ganham os militares com os civis e vice-versa?**

– A parte mais fácil de responder é o que ganham os militares. Nós sentimo-nos um pouco desconhecidos da sociedade e é um modo de os civis perceberem que temos senti-mentos, que somos pessoas nor-mais que se diferenciam apenas pelo código militar que seguem. Esta experiência ajuda a humani-zar a imagem dos militares. Os ins-truendos percebem a importância que têm a disciplina e o trabalho de equipa. Por isso lhes damos um elevado grau de responsabilidade: é fundamental que se sintam parte do navio. Este impacto é muito im-portante pois é algo que levam con-sigo para o resto da vida. Outra coisa que pretendemos é que os ins-truendos saiam daqui com a noção da importância que o mar tem nas suas várias vertentes: cultural, ambiental, sócio-económica, segurança e defesa, e que o apliquem no exer-cício das suas profissões. Que entendam um quadro ou uma pintu-ra, que se lembrem de canções feitas sobre o mar.

– **A experiência a bordo alerta tam-bém os instruendos para a im-portância que a Marinha tem nos dias que correm e que os civis mui-tas vezes se esquecem...**

– A Marinha e as Forças Armadas são fundamentais. A guerra só não existe porque há paz. Além disso, mais do que fazer a guerra, acima de tudo os militares defendem a paz. A defesa da paz significa que temos de ter a capacidade suficien-te para que a outra parte não queira tomar a nossa, e a capacidade de saber dissuadir a agressão. Mais do que nunca hoje é importante os povos saberem conviver tendo res-peito uns pelos outros, e só o têm quando há efectivamente uma ocu-pação do espaço.

– **Qual é o seu momento preferi-do da rotina diária a bordo?**

– O pôr-do-sol (risos). Eu gosto muito da faina geral de mastros porque é um momento onde as peças do relógio se engrenam, cada um desempenha o seu papel e os instruendos sentem a sua im-portância no conjunto, o que é

[Continúa en la página siguiente]